

## **Na busca por uma “Espeleologia Cultural”: contribuições para os estudos das representações dos espaços subterrâneos**

### **Searching for a “Cultural Speleology”: contributions for the studies of the underground spaces**

*Heder Leandro Rocha*

Mestre em Geografia

Membro do Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas – GUPE

[emaildoheder@gmail.com](mailto:emaildoheder@gmail.com)

*Fernando Bertani Gomes*

Mestre em Geografia. Professor do DEGEO da UEPG

Membro do Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas – GUPE

[ferbg28@gmail.com](mailto:ferbg28@gmail.com)

*Luiz Eduardo Panisset Travassos*

Doutor em Geografia. Professor do PPGGeo da PUC Minas

Coordenador da Seção de História da Espeleologia da SBE

[Luizepanisset@gmail.com](mailto:Luizepanisset@gmail.com)

Artigo recebido para revisão em 15/05/2013 e aceito para publicação em 01/07/2013

#### **RESUMO**

O objetivo principal do trabalho é apresentar uma leitura alternativa dos espaços subterrâneos como uma contribuição para a Espeleologia, no sentido de compreender as cavernas a partir de seus significados e representações. O artigo constrói duas imagens sobre o mundo subterrâneo baseadas em temporalidades distintas: o antes e o depois de um grupo de pessoas visitar a caverna Olhos d'Água, na cidade de Castro, Paraná, Brasil. As visitas foram monitoradas pelo Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas e realizadas entre Setembro de 2009 e Maio de 2011. As representações foram coletadas pelo método da associação livre. Cento e oitenta e quatro indivíduos anotaram a primeira palavra relacionada à caverna (antes e depois da vivência) em um pequeno pedaço de papel, resultando em 368 evocações livres que foram sistematizadas por frequência de evocação e organizadas em eixos temáticos. A partir da experiência vivenciada tem-se o novo, uma nova relação sujeito-paisagem baseada na re-significação da própria imagem construída.

**Palavras-chave:** Espeleologia cultural, Cavernas, Representações, Caverna Olhos d'Água.

#### **ABSTRACT**

The main objective of this work is to present an alternative interpretation of underground spaces as a contribution to Speleology in order to understand the caves from its meanings and representations. The article builds two images of the underground based on distinct milestones: before and after a group of people enter the Olhos d'água cave, in the municipality of Castro, Paraná, Brazil. The visits were monitored by University Speleological Research Group (Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas – G.U.P.E.) and conducted between September 2009 and May 2011. The representations were made by the method of free association. One hundred and eightyfour individuals wrote down the first word related to the word cave in a small piece of paper, before and after entering the cave. The result was a number of 368 free evocations systematized by frequency and organized into themes. After this the authors discuss the fact that from the lived experience one can experience the new.

**Keywords:** Cultural Speleology, Caves, Representations, Olhos d'água cave.

## 1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a *Espeleologia Cultural* se insere no âmbito da Espeleologia no sentido de entender as cavernas a partir dos significados atribuídos a ela, seja num imaginário coletivo ou partir dos próprios sujeitos.

Para Travassos (2011, p.96), “a paisagem cárstica e suas cavernas podem ser percebidas por várias pessoas de maneira igualmente variada. Do leigo ao cientista, especialmente as cavernas, assumem significados diversos de acordo com a evolução histórica e as condições culturais de uma sociedade”.

Assim, não se pode negar que existem agentes produtores de representações hegemônicas sobre as cavernas que acabam semeando significados que, de acordo com alguns teóricos sociais, são compreendidos como *imaginário coletivo*. Por outro lado, tais representações podem ser re-significadas pelo ato criativo dos sujeitos a partir da experiência vivenciada.

A caverna como um recorte de análise, das ciências naturais, no subterrâneo, compreende tanto um campo de investigação da ciência formal, como uma fonte de representações presentes na sociedade, por meio dos quais se compõe sentidos comuns. Destaca-se que para sua composição não é necessário que um sujeito tenha visitado uma caverna, mas que tenha apenas tido contato por meio dos significados atribuídos por outros, mas presentes em seu cotidiano. Pessoas compreendem o

mundo por aquilo que as cerca, dando sentido a ele através dos signos que toma contato.

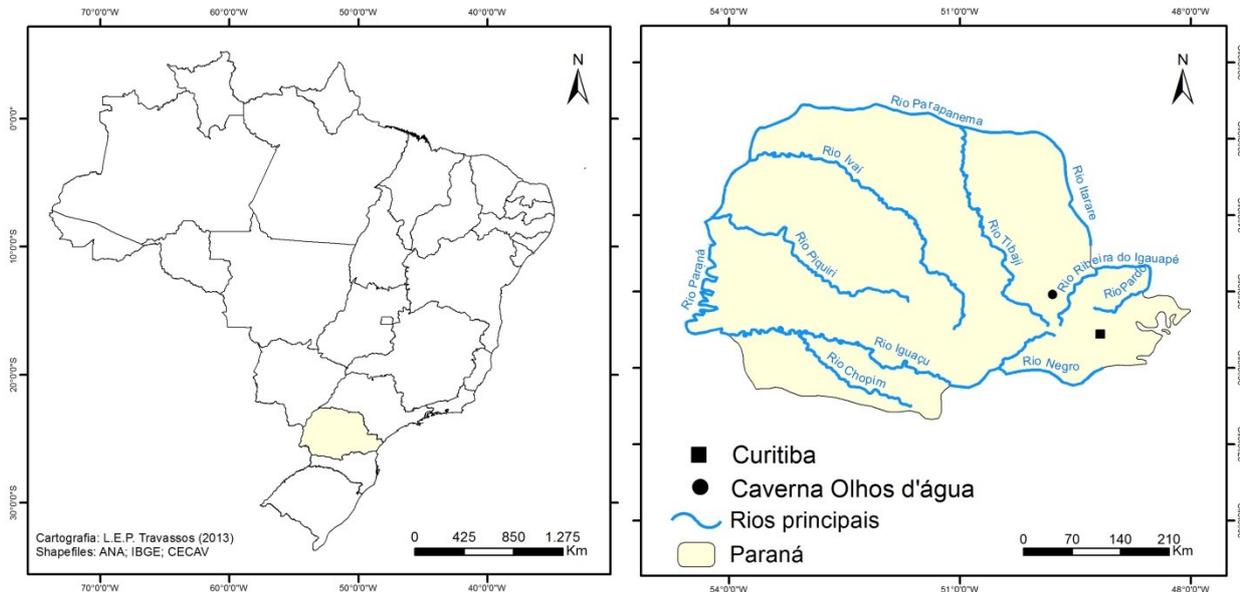
Nesse sentido, dois momentos refletem essa pesquisa: o primeiro atém-se à elaboração de representações sobre as cavernas, contudo, as compreendendo não por meio de diferentes produtos/produções culturais, mas por representações de sujeitos que visitaram ou não uma caverna e que estariam prestes a experiênciá-la. O segundo momento preocupa-se em compor a dimensão de re-significação dessas representações sobre as cavernas por meio da experiência vivenciada em uma caverna. Durante a pesquisa os autores também buscaram compreender que as representações são constantemente e ocasionalmente elaboradas.

O texto correspondendo a esses dois momentos são estruturados em três seções: A primeira traz a geograficidade da caverna, compondo-a como uma dimensão da expressão do “ser-na-paisagem”, aproximando-se da fenomenologia de Eric Dardel, onde a paisagem é a totalidade da expressão de um sujeito na cumplicidade com a terra, não mais um plano a ser observado de fora. A partir dessa concepção, todo olhar tem um pé tocando o chão, sendo a base de um ser que percebe um mundo por uma consciência encarnada como aponta Merleau-Ponty (1999) e “na-paisagem” como aponta Dardel (2011).

Já na segunda seção buscou-se destacar os significados atribuídos a uma cavidade natural subterrânea em especial, a caverna Olhos d'água, localizada no município de

Castro – Paraná (Figura 1). A coleta dessas representações foi realizada durante as monitorias do Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas (GUPE), de Setembro de 2009 a Maio de 2011, onde diversos grupos foram

levados a caverna citada (Figura 2). O perfil geral desses sujeitos é de estudantes de educação básica até acadêmicos do ensino superior.



**Figura 1** – Mapas de localização da caverna estudada.

A terceira seção do texto procura evidenciar o movimento de re-significação das representações dos sujeitos que visitaram e experienciaram a caverna, através do levantamento de evocações do mesmo grupo da segunda seção. Portanto, o levantamento foi dividido em dois momentos, antes da experiência e após a experiência, com o intuito de demonstrar como a caverna podem ser re-significada a partir da experiência vivenciada.



**Figura 2** – Entrada da gruta Olhos d'água (Foto: Acervo do GUPE)

## 2. CAVERNA E SUAS GEOGRAFICIDADES

Dardell (2011) afirma que toda a vivência humana é espacial, pois confere um local e estabelece um tipo de relação entre o homem e a terra, produzindo nessa relação mútua, o “espaço substancial” (DARDEL, 2011). Partindo dessa concepção, pode-se afirmar, também, que diferentes espaços, irremediavelmente materiais, são produzidos. Estes são, por sua vez, percebidos, experienciados e valorados cotidianamente. O espaço deve ser pensado a partir da sua “mundanidade”, pois o mundo existe não de maneira a ser apreendida (representada) como um conjunto de objetos e seres que se relacionam entre si, mas é a própria expressão da existência humana. Neste sentido, um indivíduo se expressa como um *ser-no-mundo*, ou *ser-na-paisagem* que “coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização” (DARDEL, 2011, p. 31).

O termo *geograficidade* está presente na obra “O homem e a Terra” de Eric Dardel (2011) como o resultado da relação de cumplicidade entre o homem e a terra cuja concepção diverge das noções clássicas do conhecimento que afirmam haver uma separação entre consciência e mundo. Através de fenomenologias como a de Merleau-Ponty (1999) e Dardel (2011) tem-se a possibilidade de conceber a consciência ou aquilo que percebe o

mundo, não como uma essência separada do corpo ou do espaço, mas sim, expressa por meio de um corpo e de uma paisagem. É através da paisagem que um sujeito dá sentidos à vida e nela estão atravessados os signos, no qual elabora cotidianamente sua existência.

Muitas são as geograficidades e diferentes são as “cumplicidades” elaboradas entre a superfície material e o homem. Nesse sentido, ondulações, morros, vales, rios e cavidades são habitados e experienciados de diferentes formas. As cavernas recebem, de maneira especial, essa cumplicidade por meio de diferentes grupos culturais ao longo dos mais antigos registros humanos.

O encontro entre o homem e as cavernas produz diferentes expressões e marcas, desde os povos paleolíticos, lascando e pintando “pedras”, dos gregos clássicos formulando alegorias filosóficas, religiosos construindo templos por causa das hierofanias, naturalistas sob um o encantamento das ‘descobertas’ se embrenhando escuridão à dentro, ou cientistas modernos, com seus instrumentos, mapeando e nomeando todos os cantos deste mundo descohecido. Por meio desse último grupo que se tornou possível construir um grande campo de conhecimento sobre as cavernas e inclusive sobre as marcas de outras “geograficidades”. Tais estudos ou registros são apresentados de maneira formal nas ciências acadêmicas, mais especificamente, na Espeleologia.

O termo espeleologia possui duas origens etimológicas, mas que não diferem

muito uma da outra. Figueiredo (2010) aponta que no grego tem-se *σπήλαιον* ou *spelaiion* (caverna) e no latim, *spelaeum* (cavidade natural)<sup>1</sup>, portanto, o estudo (*logos*) das cavernas. Nesse sentido, há uma concordância que o termo espeleologia indica a ciência que estuda as cavidades naturais e os fenômenos cársticos (FIGUEIREDO, 2010).

Para Forti (2009), hoje em dia, o significado do termo se expandiu enormemente para incluir, também, qualquer ação voluntária humana no interior de uma caverna. À primeira vista tal afirmação pode nos parecer equivocada, estranha ou exagerada. Entretanto, se levarmos em conta o fato de existir uma *espeleologia esportiva* e outra *científica*, essa impressão é desfeita. O simples fato de se entrar em uma caverna, mesmo que seja movido por um sentimento de aventura, é considerado a espeleologia esportiva que, embora importante, não nos fornece sempre muitas respostas científicas. Devemos, naturalmente, evoluir de um simples “buracólogo” para sermos “espeleólogos”, ainda que esportivos. Para Forti (200), a Espeleologia por ser dividida em ramos principais conforme figura 3.

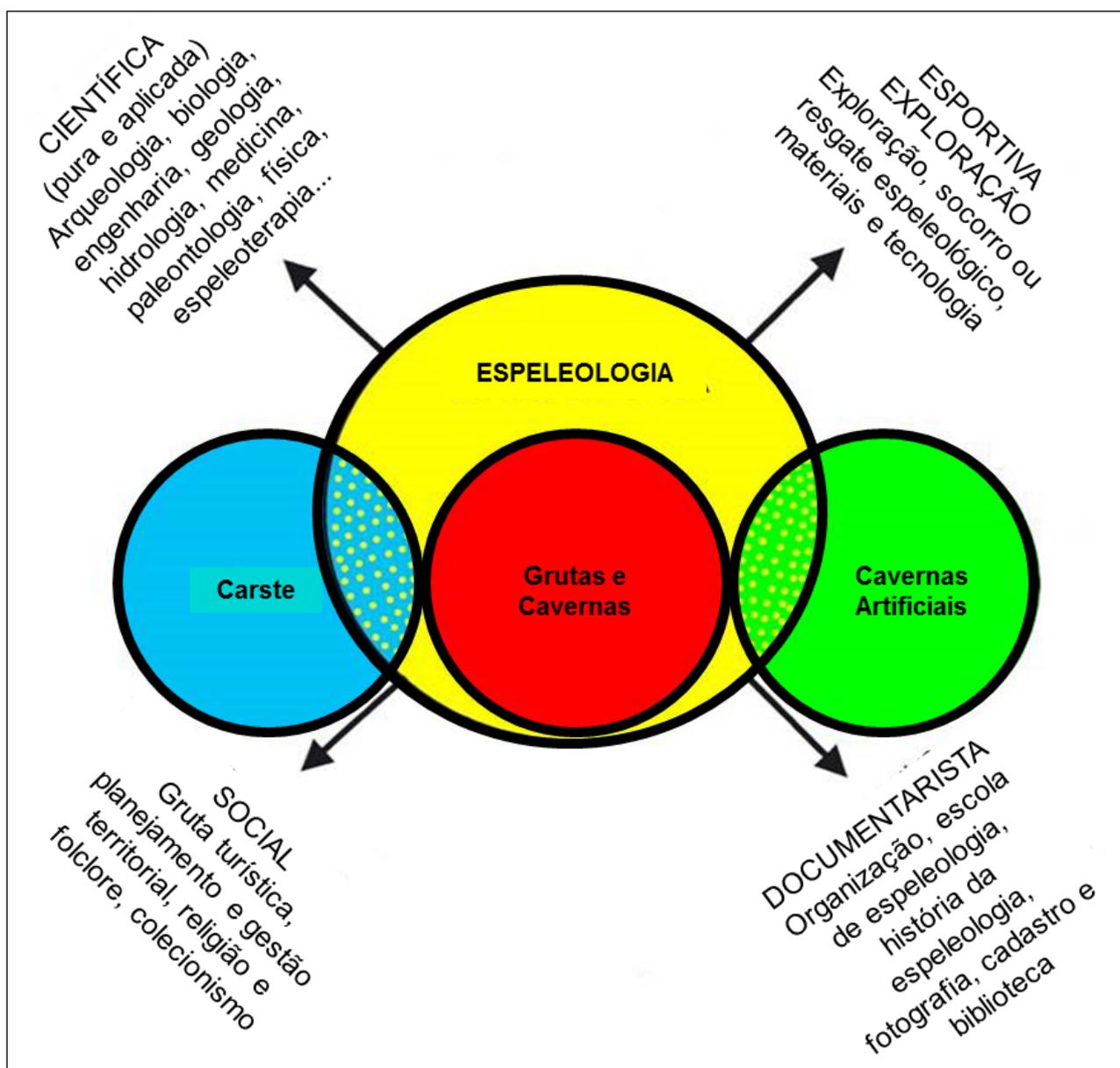
Dentre as produções científicas no campo da espeleologia preocupadas em criar conceitos e técnicas de inteligibilidade a um recorte das feições naturais, como as cavidades subterrâneas e áreas cársticas, também estão presentes as pesquisas focadas no encontro entre essas feições naturais e diferentes expressões cultu-

rais. Nesse sentido, a pesquisa de Figueiredo (2010) elabora uma análise da caverna para além dos conhecimentos racionais elaborados, trazendo uma gama de elementos simbólicos que compõe esse ambiente. Inspirado em obras literárias de Bachelard (1993), o autor compõe a caverna como uma paisagem ‘geopoética’, conferido elementos afetivos ao subterrâneo.

Figueiredo, Travassos e Silva (2009), Figueiredo (2010) e Pôssas e Travassos (2011) também analisam filmes que contêm ambientes cársticos, buscando pelas expressões dos imaginários coletivos presentes na sociedade e, de mesmo modo, contribuem para a elaboração de representações sociais a respeito do “mundo cavernícola”.

A paisagem cárstica e suas cavernas comportam diferentes percepções, pois percebe-se que não é necessário adentrar em uma caverna para elaborar uma representação a seu respeito. Pode ser tanto fonte de mitos e ritos de povos nativos em diversos países (e.g.: culto dos Kumukuaká do Parque Indígena do Xingú no estado do Mato Grosso, Brasil), quanto podem ser ambientes de reuniões eclesiais cristãs de moradores rurais da vila Pinheiro Seco em Castro, Paraná. Por Platão, a caverna foi utilizada em sua obra “A República” para dar sentido a sua filosofia das formas e em narrativas visuais, as cavernas estão presentes na Trilogia do “Senhor dos Anéis”, baseada nas obras escritas de Tolkien, por exemplo, ou mesmo nas “Crônicas de Nárnia” conforme destacado por Travassos (2007b).

<sup>1</sup> No latim encontra-se também o termo *cavus* que dá origem a “caverna”.



**Figura 3** – Os quatro ramos ou campos principais da Espeleologia e suas principais aplicações (Adaptado de FOR-TI, 2009)

Por meio de diferentes expressões culturais a caverna atende ao sagrado e ao profano, às “topofilias” e às “topofobias” mencionadas por Tuan (1974; 2005) que compreendem, respectivamente, lugares com elo de afeição e lugares com elementos de aversão. Aspectos de topofobia, como afirma Figueiredo (2010), são bastantes presentes nos imaginários coletivos retratados em filmes, o que pode ser compreendido como um elemento na produção

de representações hegemônicas presentes na sociedade, por meio da qual o indivíduo elabora suas percepções sobre lugares específicos; neste caso, as cavernas. A carga de informações que um indivíduo recebe é muito grande, mas “deve-se ter sempre em mente que a imagem comunicada é só uma representação da realidade, não podendo ser confundida com o real” (CORIOLANO, 2001, p. 207).

Pessoas experienciam as cavernas por seus aspectos simbólicos que habitam a luz do dia, elaborando a partir daí representações sobre esse ambiente escuro e distante. Por meio do imaginário simbólico presente em filmes e obras literárias, mitos e estórias, as pessoas “iluminam” cognitivamente a escuridão de ambientes escuros e distantes. Somente compreendendo tais relações é possível conceber o fato de um indivíduo ter medo ou fobia de um lugar (“topo”) que nem sequer adentrou. Assim, a fenomenologia de Cassirer (2001) afirma que para além de um mundo real, são as formas simbólicas, elaboradas pelo homem, que são responsáveis por dar inteligibilidade ao mundo.

Cavernas são ambientes de constantes estudos científicos que produzem diferentes técnicas e ferramentas de prospecção que possibilitam o acesso do “olhar científico” de lugares por vezes inabitados. Dessa forma, tal lugar passa a ser “iluminado” não só pela lanterna do espeleólogo, mas por suas lentes conceituais de análise que, ao sair da caverna, “clareiam” percepções sobre ela. Entretanto, a realidade não é algo passível de ser descoberta ou revelada ao olhar atento da ciência. A caverna está longe de ser iluminada em sua totalidade simplesmente pelo método científico que não tem essa potencialidade. Retomando à Dardel (2011) “a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar” (DARDEL, 2011, p.32), mas corresponde à própria inserção do homem no mundo.

### 3. OLHARES ATENTOS E ROUPAS LIMPAS: REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CAVERNAS

*“Naquele império, a arte da cartografia atingiu uma tal perfeição que o mapa duma só província ocupava toda uma cidade, e o mapa do império, toda uma província. Com o tempo, esses mapas desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um mapa do império que tinha o tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele. Menos apegadas ao estudo da cartografia, as gerações seguintes entenderam que esse extenso mapa era inútil e não sem impiedade o entregaram às inclemências do sol e dos invernos. Nos desertos do oeste subsistem despedaçadas ruínas do mapa, habitadas por animais e por mendigos. Em todo o país não resta outra relíquia das disciplinas geográficas”.* (BORGES, 1989, p. 71).

Borges cria nesse trecho uma caricatura dos esforços científicos em reproduzir e representar de maneira rigorosa aquilo que se estuda produzindo, em certa medida, inutilidades. Não é objetivo do trabalho a discussão do que seja útil e sim, apenas apontar que alguns esforços da ciência racionalista em representar as formas e movimentos de um relevo não são eficazes em “mapear” o *ser-na-paisagem* ou as diferentes formas de um indivíduo se expressar por meio da paisagem. Na ironia de Borges é possível conceber a impossibilidade de esgotar toda a potência de uma paisagem e flagrarmos a ilusão da imagem de um pesquisador observando e descrevendo uma paisagem distante. Normalmente desconsidera-se que o próprio pesquisador se expressa como um *ser-no-mundo* e se constrói como um *ser-na-paisagem*, como destaca Dardel (2011) ao mencionas obras de Martin Heidegger.

Assim, tem-se a possibilidade de construir o revés da Alegoria da Caverna. Nela

Platão propôs que o ser humano vive em um mundo de sombras e ilusões e que não tem acesso às essências que animam as formas do mundo. Segundo Platão, o processo pelo qual deveríamos passar seria o de libertação desse mundo de aparências e, a partir da verdade revelada à luz do dia, retornar a caverna, agora guiados pela luz do conhecimento.

Contrário a isso, destaca-se que o mundo não é dividido entre forma e essência, pois o homem não tem a possibilidade de separar-se da paisagem, como quem descreve algo que está distante; o homem só consegue se expressar na cumplicidade com o mundo, banhado em uma paisagem. O “ser-na-paisagem” de Dardel (2011) não consegue “ser” fora dela. Para além da caverna como metáfora, temos a caverna como um recorte de análise da superfície terrestre e como linguagem que dá sentido e é experienciada de diferentes maneiras por pessoas que a frequentam ou não. Representações a respeito das cavernas são constantemente e ocasionalmente reformuladas. Nesse sentido, a pesquisa elaborou uma coleta de evocações de pessoas, antes e depois de visitar uma caverna.

Neste trabalho, a coleta das evocações foi realizada durante as monitorias realizadas pelo Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas (GUPE)<sup>2</sup>, no período entre 2009 e 2011. Foi coletado um total de 368 evocações. 184 evocações antes da entrada na caverna e 184 depois da vivência. O levantamento foi

realizado durante as monitorias na caverna Olhos D’água<sup>3</sup> situada no município de Castro, Paraná. Do ponto de vista da geografia física, a caverna apresenta cerca de 500 metros de desenvolvimento linear.

Para a realização das evocações, foi solicitado aos sujeitos que escrevessem a primeira palavra relacionada a palavra caverna. Desse total foram elaborados categorias de eixos de significado, separadas pela frequência das evocações, encontrando o que é central (mais evocado), e periférico (menos evocado), nas representações desse grupo, conforme a proposta metodológica de Sá (1996), e aplicado ao estudo das cavernas por Figueiredo (1999) e Travassos et al. (2007).

A técnica utilizada é conhecida como associação ou evocação livre e é adequada, pois a espontaneidade da produção de significado pode ser revelador dos “elementos que constituem o universo semântico do termo ou objeto estudado”. (ABRIC, 1994b, p.66 *apud*, SÁ, 1998).

A amostra dos sujeitos seguiu o critério da saturação, que entende ser mais importante o conteúdo das respostas do que propriamente um número determinado de pessoas como, por exemplo, na amostra estatística. Essa técnica permite, também, a construção de um banco de evocações que é atualizado após cada nova monitoria realizada pelo GUPE. Sá (1998) argumenta que “costuma-se empregar um

<sup>3</sup> O Levantamento Topográfico da caverna está disponível para download em ‘mapoteca’ no sítio do GUPE. Disponível em <<http://www.gupe.org.br/#!pesquisas/vstc3=mapoteca-gupe>>

<sup>2</sup> Sítio do grupo: [www.gupe.org.br](http://www.gupe.org.br)

critério conhecido como de ‘saturação’ para chegar a esse número-limite (não definido previamente) no decorrer da pesquisa”(SÁ, 1998, p.92). Quando as evocações começam a se repetir é identificado o momento de cessar as entrevistas, pois, segundo o autor, “uma maior quantidade de outros sujeitos pouco acrescentaria de significativo ao conteúdo da representação (SÁ, 1998, p.92).

As representações possuem um sistema central e periférico de significados atribuídos e que são estruturados segundo uma ordem. *Osistema centralé* consensual e define a homogeneidade de um grupo. Já o *sistema periférico* é flexível e suporta a heterogeneidade do grupo (FLAMENT *apud* SÁ, 1996). O primeiro se apresenta estável e rígido, resistente à mudança. Assim pouco importa o contexto imediato, mas, por outro lado, está ligado à memória coletiva.

O segundo sistema suporta contradições, portanto, permite adaptações a um contexto mais imediato. Para Silva (2002) as representações, quando assim entendidas, proporcionam a possibilidade de reestruturar a realidade. Isso acontece segundo a autora “a partir de um processo de integração entre as características do objeto de representação, as experiências anteriores do sujeito e de seu contexto social” (SILVA, 2002, p.193). Isso possibilita aos sujeitos dar sentido ao mundo, ler a paisagem e a interpretar.

Autores da Nova Geografia Cultural, como Cosgrove (2004) e Duncan (1990),

contribuem para o entendimento da paisagem como texto que, aproximando-se da hermenêutica, podemos interpretá-la como um documento social e por de diferentes leituras.

Apropriando-se desse teóricas, é possível conceber a caverna como um texto em que deciframos os códigos, signos, símbolos de cada linha e tentamos entender o raciocínio do autor interpretando o que ele escreveu. Cada caverna, galeria ou formação em seu interior pode ser significada de maneira diferente e interpretada de formas distintas. Isso ocorre uma vez que as representações são móveis, variadas e podem gerar complementações ou oposições.

Diante dos significados evocados antes da experiência na caverna, ou seja, evocações com os olhares atentos de quem estava prestes a visitar uma caverna, ainda com as roupas limpas, foi possível elaborar alguns eixos principais. O primeiro associa a caverna à escuridão em um total de 184 evocações e dessas, 61 relacionadas a “*escuridão*”, perfazendo 33,1% das evocações, conforme a tabela a seguir.

**Tabela 1** – Evocações relacionadas à escuridão (antes da experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCAÇÕES	FREQUÊNCIA
ESCURO	40
ESCURIDÃO	18
BURACO ESCURO	2
BURACO NEGRO	1
<b>Total</b>	<b>61</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

Alguns aspectos mais técnicos das cavernas também foram lembrados, compondo o segundo eixo mais evocado com 24 evocações (13,1%) das 184. Nesse eixo, algumas forma-

ções que são encontradas em cavernas foram lembradas, como “*estalagmite*” e “*estalagmite*”. Entretanto, como é possível perceber pela Tabela 2, não foram os itens mais lembrados.

**Tabela 2** – Evocações relacionadas à formações na caverna (antes da experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCÇÕES	FREQUÊNCIA
PEDRA	10
ROCHA	8
ESTALACTITE	3
ESTALAGMITE	2
ROCHAS CRISTALIZADAS	1
<b>Total</b>	<b>24</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

As evocações que compõe o terceiro eixo mais evocado estão relacionadas à bioespeleologia, ou seja, aos animais que poderiam ser encontrados nas cavernas, por exemplo. O animal mais lembrado foi o *morcego* (TABELA 3).

**Tabela 3** – Evocações relacionadas à bioespeleologia (antes da experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCÇÕES	FREQUÊNCIA
MORCEGO	15
ECOSSISTEMA	2
NATUREZA	2
MUSGO	1
GUANO	1
BICHOS	1
ONÇA	1
<b>Total</b>	<b>23</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

As 184 evocações foram organizadas em 11 categorias temáticas, sendo que uma delas reunia evocações dispersas que não se encaixavam nos eixos. O interessante é que as evocações relacionadas ao *medo* ou *fobia* surgem apenas em sétimo lugar no quadro geral, com 6,1% (11) das evocações.

A Tabela 4, a seguir contextualiza essa situação em relação a todas as categorias temáticas. As sensações também surgem de forma

periférica ocupando apenas o 5º lugar com 7,1% das evocações. Abaixo podemos observar todas as categorias de evocações anteriores a experiência.

**Tabela 4** – Categorias de evocações anteriores à experiência com o espaço subterrâneo.

CATEGORIA	EVOCÇÕES	%
ESCURIDÃO	61	33,1%
FORMAÇÕES NA CAVERNA	24	12,5%
BIOESPELEOLOGIA	23	13,1%
CAVIDADE	14	7,5%
SENSAÇÕES	13	7,1%
ÁGUA	12	6,5%
MEDO	11	6,1%
MISTÉRIO	8	4,3%
HISTÓRIA	4	2,1%
FOBIA	3	1,6%
DISPERSAS	11	6,1%

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

Os sujeitos não se apropriam totalmente do imaginário coletivo (representações hegemônicas), mas jogam com esses elementos simbólicos e constroem uma representação antes mesmo da própria experiência vivida. Isso ocorre, pois as representações são formas de conhecimento do comum e do prático, baseadas na experiência que cada indivíduo ou grupo tem com o objeto de representação – as cavernas. Tal experiência pode ser direta ou indireta, por observação ou por aproximação. Essa construção ainda está relacionada, como aponta Silva (2002), com o lugar que eles ocupam na estrutura sócio-espacial, por exemplo. É uma questão de ter ou não acesso às representações hegemônicas difundidas pelas mídias. Na Tabela 5, é possível visualizar todas as representações evocadas antes das pessoas entrarem na caverna e vivenciarem o ambiente cavernícola, ainda com as “roupas limpas”.

**Tabela 5** – Evocações anteriores a experiência

<b>EVOCÇÕES</b>	<b>Nº VEZES</b>	<b>EVOCÇÕES</b>	<b>Nº VEZES</b>
ESCURO	40	ROCHA CRISTALIZADA	1
ESCURIDÃO	18	COVA	1
MORCEGOS	15	ABRIGO	1
BURACO	12	MOLHADA	1
PEDRA	10	TESÃO	1
ROCHA	8	TENSO	1
ÁGUA	7	PAVOR	1
AVENTURA	7	ASSUSTADORA	1
MEDO	7	TERROR	1
UMIDADE	4	SURPRESA	1
ESTALACTITE	3	PRÉ-HISTÓRIA	1
FRIO	3	PINTURAS	1
MISTÉRIO	3	LUGAR FECHADO	1
BURACO ESCURO	2	PATRIMÔNIO	1
ECOSSISTEMA	2	BELEZA	1
NATUREZA	2	GRANDE	1
ESTALAGMITE	2	MICROCLIMA	1
DIVERSÃO	2	SILÊNCIO	1
DESCONHECIDO	2	ENTRADA	1
CURIOSIDADE	2	GEOGRAFIA	1
HISTÓRIA	2	TERRA	1
APERTADO	2	EQUILÍBRIO	1
BATMAN	2	GUANO	1
BURACO NEGRO	1	BICHOS	1
MUSGO	1	ONÇA	1
		<b>TOTAL</b>	<b>184</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

A construção de uma representação é elaborada a partir de uma interpretação “dentro dos limites que envolvem o contexto da vida cotidiana dos sujeitos, suas práticas e experiências (SILVA, 2002, p.215). Já a objetivação dessas representações ocorre pela comunicação e pela linguagem: sistemas de símbolos e signos que vão dar significado ao objeto representado.

Para Sandra Jovchelovitch (2004) a linguagem dá sentido, produz símbolos que significam. Assim, as representações colocam “algo no lugar de algo, seu trabalho é um trabalho de deslocamento simbólico (JOVCHELOVITCH, 2004, p.22)”. Esse movimento só é possível a partir da construção

de significados, não se trata apenas de uma reprodução.

Nessa parte do texto já poderíamos desconfiar que os significados produzidos ao longo do tempo sobre as cavernas no imaginário coletivo foram sedimentados nos sujeitos. Nas evocações coletadas antes da experiência aqueles significados não são totalmente reproduzidos, mas surgem de forma periférica nas evocações evidenciando exatamente o movimento do processo representacional, onde o sujeito joga com esses elementos simbólicos, ora se apoiando numa estrutura que produz significados e ora em suas próprias experiências cotidianas.

Como foi possível perceber, as representações hegemônicas sobre as cavernas relacionadas ao medo ou fobia, aparecem apenas com 6,1% (11) das evocações. Isso significa que essas representações existem e povoam o imaginário dos sujeitos, mas não de forma central. Já os aspectos relacionados a escuridão povoam o imaginário, pois são centrais e perfazem 33,1% (61) das evocações.

A próxima parte dessa reflexão pretende compreender como a experiência vivenciada pode dar luz a esse quadro de penumbra, agora com “as roupas sujas”.

#### **4. OLHARES ADMIRADOS E ROUPAS SUJAS: REPRESENTAÇÕES SOBRE UMA CAVERNA**

O espaço é indissociável da formação das representações, nas palavras de Silva (2002), pois é a partir dele (enquanto uma criação humana que condiciona seus criadores) que as percepções e a comunicação podem ser desenvolvidas. Assim, o espaço não é um éter onde todas as coisas mergulham, não é o ambiente em que as coisas estão dispostas, mas sim o meio pelo qual essa disposição se tornou possível. É considerada a potência de si mesmo, conforme o legado da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999, p.336). Nas palavras do autor, com esse movimento, passamos “do espaço espacializado ao espaço espacializante” tendo, conseqüentemente, grandes implicações.

Agora, as representações constituem espaço à medida que produzem espacialidades acessíveis, ou inacessíveis, para os sujeitos.

É como traz Travassos (2007b, p.108): as cavernas “são capazes de repelir indivíduos constituindo-se como o plano de fundo para lendas e histórias fantásticas, geralmente, aterrorizantes”, mas também, podem “ser valorada por diferentes grupos sociais como lugares sagrados propícios a práticas rituais”. Ler o espaço geográfico dessa forma é ter uma fonte inesgotável de possibilidades, onde os sujeitos podem subverter algumas estruturas, ou no mínimo jogar com elas.

O movimento evidenciado nesse trabalho é que num primeiro momento existe um esforço criativo de perceber e de representar a caverna. O sujeito vai buscar em suas bases algumas referências para significar aquilo que foi pedido. Essa busca pode ocorrer de muitas formas que, por vezes, são difíceis de ser mapeadas. Entretanto, de modo geral, ocorre a partir de experiências anteriores ou de representações incorporadas a partir de outras fontes. Já num segundo momento, usando as palavras de Merleau-Ponty, o sujeito “retorna ao espaço” e re-significa suas representações a partir da experiência vivida, dando origem a algo novo que não é somente uma nova representação, mas sim, um movimento revolucionário, onde o espaço se configura de modo diferente para esse sujeito, passamos a uma nova realidade.

Para Doreen Massey (2004) isso acontece porque o espaço geográfico é um produto de inter-relações. E, por essa razão, torna-se complexo composto por múltiplas relações configurando, assim, sempre um algo por acontecer

mas que não precisa necessariamente acontecer, pois essas relações “não são absolutamente relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, ‘tudo está (já) relacionado com tudo’ (MASSEY, 2004, p. 9).

Portanto, a caverna pode ser significada das formas mais distintas. Além disso, se considerarmos o espaço como algo aberto e passível de re-interpretações, pensando no olhar como uma aproximação do real, o mundo passa a ser não somente aquilo “que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14). Nas representações coletadas depois da experiência esse movimento fica evidente.

Se antes as evocações mais lembradas foram relativas à *escuridão* (33,1%), agora, a categoria mais lembrada é relativa às *emoções* com 51 de 184 evocações ou 27,7%. Destaca-se que *adrenalina* foi a palavra mais evocada nessa categoria, conforme podemos observar na tabela 6.

**Tabela 6** – Evocações relacionadas às emoções (após a experiência com o espaço subterrâneo)

EVOCÇÕES	FREQUÊNCIA
ADRENALINA	10
EMOÇÃO	8
SUPERAÇÃO	7
MARAVILHOSO	4
INESQUECÍVEL	3
LIBERDADE	3
SURPRESA	3
ENCANTAMENTO	3
INEXPLICAVEL	3
FANTASTICO	2
SENSAÇÃO	2
SENSAÇÕES DIFERENTES	2
PRAZER	1
<b>Total</b>	<b>51</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

A segunda categoria temática mais evocada é relativa à *descoberta*, com 30 evocações (16,3%). *Aventura* propiciada pela atividade de espeleologia é a evocação mais lembrada.

**Tabela 7** – Evocações relacionadas às descobertas (após a experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCÇÕES	FREQUÊNCIA
AVENTURA	19
CURIOSIDADE	4
CONHECIMENTO	3
DESCOBERTA	2
EXPERIÊNCIA	1
INTERESSANTE	1
<b>Total</b>	<b>30</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

Na terceira posição surgem algumas *evocações positivas* sobre a caverna com 15,2% do total. O interessante é que em uma dessas evocações surge *acabou o medo* duas vezes. Aqui já se pode observar o processo de re-significação acontecendo, principalmente porque as evocações associadas ao medo vão surgir de forma bastante periférica. Dentro das *evocações negativas* a palavra *medo* só foi lembrada duas vezes, um número muito abaixo do que foi constatado anteriormente.

**Tabela 8** – Evocações positivas (após a experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCÇÕES POSITIVAS	FREQUÊNCIA
LEGAL	13
BELEZA	6
DIVERSÃO	5
ACABOU O MEDO	2
ENERGIA	1
BOM DESAFIO	1
<b>Total</b>	<b>28</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

**Tabela 9** – Evocações negativas (após experiência com o espaço subterrâneo).

EVOCAÇÕES NEGATIVAS	
ESCURIDÃO	5
SUJEIRA	4
DIFÍCIL	2
MEDO	2
FALTA DE AR	1
MORCEGOS	1
DOR NAS COSTAS	1
<b>Total</b>	<b>16</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

Algumas evocações voltam a aparecer, como por exemplo, as evocações relacionadas à *escuridão* e aos *morcegos*. No entanto, os aspectos relacionados a *escuridão* nas evocações coletadas antes da experiência foram os mais lembrados com 61 evocações e agora surgem de forma periférica com apenas 5. Na tabela 10 é possível verificar como as como as categorias mudaram.

**Tabela 10** – Categorias de evocações posteriores à experiência com o espaço subterrâneo.

CATEGORIA	EVOCAÇÕES	%
EMOÇÕES	51	27,7 %
DESCOBERTA	30	16,3 %
EVOCAÇÕES POSITIVAS	28	15,2 %
TRANQUILIDADE	21	11,4 %
EVOCAÇÕES NEGATIVAS	16	8,7 %
ASPECTOS FÍSICOS DA CAVERNA	15	8,2 %
VIDA	8	4,3 %
DISPERSAS	15	8,2 %

Fonte: banco de entrevistas do GUPE.

A Tabela 11 destaca a mudança das representações no momento posterior à visita. Agora com as “roupas já sujas”, as principais evocações estão relacionadas à aventura e ao desbravar o mundo que outrora estava desconhecido. A caverna passa a ser associada à emoção, tranquilidade, superação, paz e beleza.

**Tabela 11** – Evocações após a experiência.

EVOCAÇÕES	Nº VEZES	EVOCAÇÕES	Nº VEZES
AVENTURA	19	BURACO	2
LEGAL	13	NATUREZA	2
ADRENALINA	10	DIFÍCIL	2
TRANQUILIDADE	9	ESCURIDÃO	2
EMOÇÃO	8	BELEZA INESPILICÁVEL	1
SUPERAÇÃO	7	PRAZER	1
PAZ	6	SOSSEGO	1
BELEZA	6	RELAXAMENTO	1
ROCHAS	6	REFLEXÃO	1
DIVERSÃO	5	EQUILIBRIO	1
GRANDE	5	ENERGIA	1
MARAVILHOSA	4	DESAFIO BOM	1
CURIOSIDADE	4	EXPERIÊNCIA	1
SUJEIRA	4	INTERESSANTE	1
CANSAÇO	4	FALTA DE AR	1
INESQUECÍVEL	3	MORCEGOS	1
LIBERDADE	3	DOR NAS COSTAS	1
SURPRESA	3	MINERAIS	1
ENCANTAMENTO	3	ESPELEOTEMAS	1
CONHECIMENTO	3	ESTALACTITE	1
ESCURO	3	CALCÁRIO	1
ÁGUA	3	RENASCIMENTO	1
VIDA	3	ADAPTAÇÃO	1
INEXPLICÁVEL	2	FRAGILIDADE	1
SENSAÇÕES DIFERENTES	2	LOUCURA	1
FANTÁSTICO	2	MOLHADO	1
SENSAÇÃO	2	SUBTERRÂNEO	1
SILÊNCIO	2	CAPACETE É TUDO	1
ACABOU O MEDO	2	GOSTOSINHO	1
DESCOBERTA	2	PRE HISTORIA	1
MEDO	2		
		<b>TOTAL</b>	<b>184</b>

Fonte: banco de entrevistas do GUPE

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caverna pode ser fonte de múltiplas percepções, por meio de experiências diretas ou indiretas e como a linguagem, pode produzir signos que compõe o cotidiano. Para além de uma noção de imaginário coletivo percebido em produções e produtos culturais presentes na sociedade, admitimos que existem representações hegemônicas produzidas pelos meios de grande influência social, porém este trabalho demonstrou que as pessoas elaboram constantemente e ocasionalmente suas representações a respeito das cavernas, assim como em relação ao próprio espaço geográfico.

Se num primeiro momento com as roupas ainda limpas, persistia o escuro – fora da caverna, é sujando as roupas – dentro da caverna – que os sujeitos se iluminam para novas significações de mundo, constrói-se assim o revés da Alegoria da Caverna de Platão: é dentro da caverna que se encontram novos significados.

Nota-se com a pesquisa que o imaginário construído pelo grupo de pessoas analisado – ainda com as roupas limpas – reporta principalmente aos aspectos mais gerais das cavernas, comumente associados à escuridão. Estes aspectos estão relacionados à certa hostilidade (topofobia), contudo a medida que as roupas vão sendo sujas e as pessoas se deparam “na-paisagem” – em uma analogia a Dardel, esta hostilidade dá lugar a algo novo, a admiração (topofilia) e novas experiências muito individuais, pois cada pessoa “é-na-

paisagem” de uma forma.

Por mais que existam representações hegemônicas sobre os espaços, elas são móveis, fluídas. O espaço se mostra em um constante devir, como alertado por Massey. O ‘leque’ de possibilidades é inesgotável dentro desta perspectiva.

Por fim, este trabalho evidencia que o escuro ora temido agora fascina, ilumina-se a luz da experiência e foge da racionalidade, porque a re-significação não acontece a partir da compreensão racional da caverna - isso poderia ocorrer a partir de uma aula de química, mas acontece a partir da experiência, da caverna vivida e sentida, enfim, das roupas sujas.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BORGES, J.L. **História universal da infâmia**. 5 ed. São Paulo: Globo, 1989.
- CASSIRER, E. **Filosofia das Formas Simbólicas I – A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CORIOLOANO, L.N.M.T. O Real e o imaginário nos espaços turísticos. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.
- COSGROVE, D. E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. Tradução de WertherHolzer.

- DUNCAN, J. A Paisagem como um sistema de criação de signos. In: In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004.
- FIGUEIREDO, L.A.V. ;TRAVASSOS, L.E.P. ; SILVA, A.S.da . A Caverna no cinema: análise preliminar de paisagens naturais e simbólicas. In: XXX Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2009, Montes Claros. **Anais...** Campinas: SBE, 2009. p. 85-93.
- FIGUEIREDO, L.A.V. de. O imaginário, o simbólico e as cavernas: estudos preliminares. In: Congresso Brasileiro de Espeleologia, **Resumos...** Vinhedo-SP, Trupe Vertical/SBE/Prefeitura Municipal de Vinhedo, 1999, p. 165-171.
- FIGUEIREDO, L.A.V. de. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas**: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas. 2010. 466f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- FORTI, P. **Introduzione alla Speleologia**. Bologna: Società Speleologica Italiana/*Istituto Italiano di Speleologia*, 2009 (Project - Teaching Resources For Speleology & Karst)
- JOVCHELOVITCH, S. Psicologia Social, Saber, Comunidade e Cultura. **Psicologia & Sociedade**; v.16, n.2, p. 20-31, maio/ago 2004.
- MASSEY, D.; KEYNES, M. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista de Pós Graduação em Geografia da UFF**, v.6, n.12, Niterói, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.
- PÔSSAS, I.B. ; TRAVASSOS, L.E.P. . O carste nas obras de J.R.R. Tolkien: apoio didático para a identificação inicial de feições cársticas. In: 31º Congresso Brasileiro de Espeleologia Espeleodiversidade: Ensino e Conservação, 2011, Ponta Grossa. **Anais CBE**. Campinas/Ponta Grossa: SBE/UEPG, 2011. p. 257-262.
- SÁ, C.P. de **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SÁ, C.P. de. **Sobre o núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, J. M. **A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais**. 2002. 322f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- TRAVASSOS, L.E.P. Interações entre a Carstologia e a Geografia Cultural. **RA'E GA**, v. 22, p. 95-154, 2011.
- TRAVASSOS, L.E.P.; TRAVASSOS, E.G.; TRAVASSOS, L.P.; TRAVASSOS, L.C.P. Non-specialists perception about endokarst and exokarst scenarios: visions from high school students. **Acta Carsologica**, v.36, n.2, p. 329-335, 2007a
- TRAVASSOS, L.E.P. Visões do relevo cárstico na mídia: literatura, filmes e notícias. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v.7, n.2, p. 108-115, 2007b.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1974.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.